

PLANETA

Fauna

Influência do lago chega a 400 km



ALEXANDRE MARCHETTI/ITAIPU

Inundação. Itaipu tem hoje 189 espécies conhecidas de peixes: eram 113 antes da usina

Em Itaipu, o enchimento do reservatório nos anos 1980 afetou biodiversidade de locais distantes dali, como a bacia do Tietê

Em duas semanas de outubro de 1982, Itaipu iniciou uma transformação que perdura há três décadas na fauna aquática da região. O enchimento do reservatório, que deslocou a barreira natural de Sete Quedas, em Guaira, mudou a proporção de peixes migradores no lago da usina e, a longo prazo, teve impacto na biodiversidade de locais distantes como a Bacia do Tietê, a 400 quilômetros dali.

Com a inundação, 23 tipos de peixes subiram a antiga catarata, enquanto 3 desceram. Estudos recentes da Universidade Estadual de Maringá (UEM) mostraram que o número atual de espécies na região de Itaipu é de 189, ante 113 em levantamentos anteriores à construção da usina. “Não é que hoje existam tantas mais, mas temos um conhecimento melhor”, diz o veterinário Domingo Rodriguez Fernandez, da área de ecossistemas aquáticos da usina.

As águas paradas do reservatório afugentaram grandes espécies migradoras, como o jaú, o dourado e o piapara. Peixes menores como a corvina e o mapará, que se alimentam de micro-organismos, se tornaram abundantes. Mas, se-

gundo dados da usina, após a formação do reservatório a produção aumentou 250% entre os 850 pescadores que atuam no lago.

Pioneiro no estudo de ictiofauna de Itaipu, o biólogo Angelo Antonio Agostinho, da UEM, diz que um dos casos de peixes beneficiados pelo deslocamento da barragem foi uma espécie de piranha que quase extinguiu a variação nativa do Alto Paraná – forma hoje 95% da população local de piranhas.

“As duas espécies são muito parecidas e têm dietas semelhantes, mas a que vivia na parte baixa é menor, mais competitiva e tem tendência a formar cardumes. Pelo que analisamos, ela já chegou a locais distantes como a usina de Ilha Solteira (SP), passando pelas eclusas”, diz Agostinho, cujos estudos na usina deram origem ao Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura (Nupelia) da UEM.

Arraia. Outro animal que se proliferou rio acima após a construção de Itaipu é a arraia. Um estudo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) documentou a invasão de três espécies no Alto Paraná, onde não têm predadores naturais.

“Silenciosamente, as arraias foram subindo o rio desde 1993 e avançaram pelas eclusas de usinas como Jupia, chegando à entrada da Bacia do Tietê”, diz Domingos Garrone Neto, um dos autores da pesquisa. “Como têm

grande capacidade de camuflagem, esses animais com alguma frequência são pisados por pescadores e reagem, causando ferimentos”, diz. O biólogo acredita que, caso a colonização siga neste ritmo, as arraias podem chegar até a região de Barra Bonita, a 300 quilômetros de São Paulo.

Para permitir a subida dos peixes para a reprodução (piracema), Itaipu construiu em 2002 um canal de 10,3 quilômetros que liga a parte anterior da usina ao lago. O desafio está em evitar que esta migração interfira de forma negativa na biodiversidade da bacia. “Mesmo com Itaipu, calculamos que até 20 espécies não subiriam o rio, o que é bom para evitar invasores. Mas o canal tem permitido isso e temos nos manifestado para que ele não seja totalmente permeável”, diz Angelo Agostinho. “Abaixo da usina tem espécies como a piranha preta, que come outros peixes e torna difícil a vida do pescador.”

Em 2011, estudos em Itaipu comprovaram que quase 170 das 190 espécies da região já haviam passado pelo canal. “O canal favorece o intercâmbio genético, mas não é possível o controle total das espécies que sobem”, diz Fernandez. “Podemos ampliar a passagem de espécies reduzindo a velocidade das águas e aumentando o grau de dificuldade. Mas a ideia, por enquanto, é manter a eficiência atual.” / BRUNO DEIRO

Inseminação artificial e resgate de ave são trunfos para a preservação

Um dos maiores trunfos dos programas de fauna silvestre de Itaipu é o resgate da harpia, uma ave de rapina cuja presença é cada vez mais rara no oeste paranaense. Desde 2009, foram 13 filhotes cria-

dos em cativeiro pelo Refúgio Biológico Bela Vista, um dos dois centros brasileiros que garantem a manutenção de animais da região. Outra iniciativa bem-sucedida envolve a inseminação artificial

de gatos-do-mato-pequenos e da jaguatirica. Nos próximos anos, alguns desses animais podem ser reintroduzidos na natureza.

“O trabalho com fauna foi recomçado em 1987. Até então havia animais, mas não existia a proposta de reproduzir espécies ameaçadas”, diz o veterinário Wanderlei de Moraes. Na faixa de proteção do reservatório, nas reservas e

nos refúgios da margem brasileira do lago há 44 espécies de mamíferos, 305 de aves e 37 de répteis.

Além disso, para se integrar à proposta da criação de um corredor de biodiversidade nas fronteiras do País com o Paraguai e a Argentina, foi reconstituída a ligação verde entre a faixa de proteção do reservatório e o Parque Nacional do Iguazu. / B.D.



ITAIPU/DIVULGAÇÃO

Harpia. Ave de rapina se tornou rara no oeste paranaense

VAMOS ILUMINAR AS NOSSAS CIDADES COM UMA FONTE DE ENERGIA MAIS LIMPA.

Todos precisamos de eletricidade. Seja para iluminar o estádio de futebol ou para gelar a bebida do intervalo. É uma parte fundamental das nossas vidas. A Shell produz gás natural para mais países do que qualquer outra empresa. Quando usado para gerar energia, o gás natural emite 50% menos CO₂ do que o carvão. É uma das fontes de energia mais abundantes hoje e, através da nossa inovação contínua, pode nos fornecer energia limpa por mais 250 anos. E é uma das muitas fontes de energia em que estamos investindo para nos manter em movimento hoje e no futuro. Vamos ampliar o mix global de energia.

Busque por: **Vamos juntos Shell**



VAMOS JUNTOS.

